

# Jornada de Psicologia

## Sem tempo para a despedida, uma reflexão sobre a morte e o luto por catástrofes

Profa. Dra. Rosana Teresinha D’Orio de Athayde Bohrer  
::: Condor Instituto de Psicologia e Pesquisa :::

Este texto pretende percorrer um caminho sobre perdas por mortes após desastres e catástrofes, sob três eixos: o aumento da frequência na ocorrência das tragédias e a consequente participação humana para que isso continue ocorrendo; um olhar filosófico sobre como experimentamos o tempo psíquico, incluindo aqui o tempo que faltou ao enlutado para a despedida; e, por fim, tratar dos caminhos que permitem ao enlutado ou sobrevivente iniciar seu trabalho de religamento com o mundo, tanto pelo olhar da filosofia quanto da psicologia.

Escrever sobre a morte é descrever o irrepresentável, assim, nada é fácil nesse campo, principalmente se considerarmos as mortes decorrentes de desastres e catástrofes, pois, segundo Parkes (2006 [2009]), essas tendem a ser mais traumáticas que as outras.

A morte está inscrita no âmago da condição humana e, mesmo que não se queira pensar nela, é uma possibilidade absolutamente certa, morreremos todos, nós e os nossos entes queridos, independentemente do preparo para lidar com isso, o que relativiza e torna incerta todas as demais possibilidades da vida.

Os mapeamentos dos órgãos nacionais e internacionais apontam para um preocupante crescimento nas ocorrências de desastres e catástrofes. Os fatores que contribuem para a sua deflagração são variados - mudanças climáticas; urbanização sem planejamento adequado; aumento nos tráfegos dos transportes aéreo, rodoviário e marítimo; violência; pobreza; grande número de residências construídas em encostas; alta concentração de pessoas em espaços públicos confinados (*shoppings*, boates, estádios, etc.); entre outros e, embora suas consequências sejam de características coletivas, em qualquer ocorrência estão contidas inúmeras tragédias individuais.

Segundo o relatório do *World Risk Report*<sup>1</sup> a degradação ambiental tem fragilizado as possibilidades de adaptação da sociedade global em lidar com o risco de desastres. O levantamento realizado entre os anos de 2002 a 2011 aponta para 4.130 desastres com mais de um milhão de

<sup>1</sup> Relatório apresentado em Bruxelas em 11 de outubro de 2012 - Instituto Universidade das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Segurança Humana (UNU-EHS), a Aliança para o Desenvolvimento Works / Bündnis Entwicklung Hilft e The Nature Conservancy (TNC),

mortos. Se tomarmos como exemplo os dados brasileiros de acidentes naturais, durante o período de 2003 a 2010, temos um aumento de 23% em suas ocorrências. Já, os índices de acidentes aéreos e rodoviários, cresceram em 38,5% e 42% respectivamente.

A prevenção de acidentes nos incita a aprendermos com os acontecimentos do passado, apesar disso, há pouco mais de dois anos, o Brasil sofreu uma tragédia por ocorrência de um incêndio com a Boate Kiss, em Santa Maria – RS, matando 243<sup>2</sup> jovens. O que surpreende é saber que, nos últimos 20 anos anteriores a essa

<sup>2</sup> A tragédia resultou na morte de 242 jovens. Um ano depois faleceu mais um jovem devido a problemas respiratórios que, segundo a opinião dos médicos, muito provavelmente, em decorrência de sequelas.

tragédia, ocorreram 12 incêndios similares em 9 países, a saber, Argentina, México, Brasil, Peru, Venezuela, Equador, China, Estados Unidos da América e Espanha, perfazendo um total de 974 mortes (não inclui o incêndio com a Boate Kiss) prematuras e milhares de feridos.

Considerando que houve condições similares, na maioria dessas tragédias, tais como, uso de dispositivos pirotécnicos, espuma de poliuretano para isolamento acústico, superlotação e insuficiência de saídas para evacuação do ambiente e, enquanto hipótese, as perdas por morte poderiam ter sido evitadas, é necessário se preocupar que **'o descuido para com o outro'** possa ser um dos fatores subjacentes às tragédias, o que aumentaria os dificultadores para a compreensão do que aconteceu.





A vivência de uma catástrofe é muito perturbadora, ocorre fora do âmbito da experiência usual humana e, além dos extensos danos, inclui ameaça à integridade física própria ou de outros; injúrias; mortes súbitas, inesperadas e prematuras de crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas famosas sem distinção; podendo ocorrer desaparecimentos, com conseqüente privação de funeral. Experimenta-se momentos extremamente angustiantes e desorganizadores que provocam mudanças arbitrárias na vida e a necessidade de desconstrução de rotinas, resultando em uma ruptura na ilusão de segurança e de **um tempo que continuaria**. Em seu lugar, evidencia-se a sensação de vulnerabilidade e um sentimento de esvaziamento interno, chegando a provocar alteração na identidade

pessoal (Walsh, 1991 [1998]). Perde-se a referência da linearidade do tempo que não é mais caracterizado pela tríade passado, presente e futuro, tudo isso se confunde.

O tempo psíquico é mais complexo do que imaginamos, Husserl, citado por Figueiredo (1998), refletiu sobre a **consciência íntima do tempo**, querendo pensar em como experimentamos o tempo e como o vivemos na intimidade. Para ele, análogo à melodia da música, possui um presente marcado por ausências que carrega os fantasmas do passado e os de um futuro incerto.

“o tom posterior soa no contexto de uma expectativa que o tom anterior deixou. Já o tom anterior, apesar de deixar de soar, permanece por um tempo presente no ouvido, e o lugar que ele

"O tempo não para! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo..."

(Mário Quintana)

deixou de soar foi circunscrito pelo tom posterior (...) **o presente é constituído por ausências** (...) estão presentes, mas não estão soando, a retenção e a propensão não estão enquanto tom, mas **enquanto fantasmas**. Qualquer expressão do tempo se dá nas ausências das impressões anteriores que ainda se dão como repetições. Nossa capacidade de perceber se dá porque o presente está reavivando fantasmas (...). Neste sentido, independentemente do relógio ou do metrônomo, há uma temporalidade de cada nota (...). Essa temporalidade é a mesma que a da experiência, e cada um experimenta de uma forma, nesse movimento de trazer à cena fantasmas, os fantasmas que estão sendo reavivados das retenções e os fantasmas que estão sendo esperados pelas propensões” (Figueiredo, 1998).

Isto significa dizer que, diante de uma catástrofe, as reações decorrentes do que aconteceu se manifestam no *après-coup* de um presente estendido, contaminado por essas perdas do passado que se mantém pelo esvaziamento no presente e pelas expectativas de um futuro que jamais será vivido. O tempo se confunde criando uma atemporalidade à vivência.

Algumas das indagações são perturbadoras, sob o ponto de vista do esfacelamento da segurança de um tempo que *continuará*: com o que se preenche e como se lida com a crueldade imediata deste tempo presente, quando o que está retido do passado traz uma falta fundamental que é o vazio da presença daquele que se foi, e as demais faltas elementares, tais como um abraço, um quarto não mais desarrumado, uma cadeira vazia, o que fazer com as palavras engasgadas, que não tiveram tempo de ser ditas, ou com a insuportável presença da **despedida que não deu tempo de acontecer?**

Mantendo-nos um pouco mais no diálogo com a Filosofia, especificamente, naquilo que possa conter um olhar sobre as vivências traumáticas, a fim de ampliarmos nossa compreensão sobre esse processo e buscarmos caminhos que tornem mais inteligível os conflitos e distorções gerados por essa desorganização na vida dos afetados, resgatamos, entre os estudos sobre os sobreviventes do Campo de Concentração, aquele que melhor pudesse, em nossa opinião, criar uma confluência para com a Psicologia, no que tange aos cuidados com quem vive(u) o horror e as consequências do trágico.

Seligmann-Silva, nos discursos sobre os sobreviventes de Auschwitz, apresenta a importância da narrativa para expressão das memórias retidas, que no seu entendimento passa a ser elementar como o sono e a alimentação, ou seja, de sobrevivência. Ao se referir a esses prisioneiros ‘do campo’, retoma o fato de que, ao serem libertos, sentiram uma necessidade imediata e absoluta de narrar o que viveram, do contrário, continuariam presos e isolados no campo.

Partindo-se dessa premissa, outra necessidade se implica ligada à da narrativa das vivências, que é a da existência do ‘outro’ a ser inserido no cenário, como aquele que escuta o que está retido na memória do sobrevivente. Esta possibilidade é complexa, e impacta significativamente como dificultadores para as áreas histórica e jurídica, as quais procuram a descritiva literal e específica dos fatos.

Diferentemente desse aspecto, os psicólogos, afirma Seligmann-Silva, estão mais familiarizados com aquilo que surge após uma tragédia. A iniciar pelo reconhecimento da cisão no grupo social, que se estabelece como uma barreira cognitiva e emocional, isolando os membros da sociedade em relação àqueles que viveram o drama.

É importante compreender que esta barreira se funda pelas diferenças de envolvimento e reações entre as partes, pois, aqueles que tiveram seus entes queridos extraídos do convívio por morte súbita, inesperada e, por vezes, violenta, se deparam com um excedente de angústia que invade o aparelho mental e eleva a tensão acima da tolerância e da sua capacidade de dominar psiquicamente o evento, fazendo fracassar os recursos de adaptação e liberação dessa pressão, causando perturbações duradouras à vida que precisam, de alguma forma, serem esgotadas (D'Orio 2003), enquanto os outros viveram com certa distância a tragédia.

Para Seligmann-Silva,

A narrativa tem, portanto, dentre os motivos que a tornam elementar e absolutamente necessária, esse desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do campo. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar o muro.

A circulação das imagens do campo de concentração, que se inscreveram como uma queimadura na memória do sobrevivente, na medida em que são aos poucos traduzidas, transpostas para “os outros”, permite que o sobrevivente inicie seu trabalho de religamento ao mundo.

A narrativa do trauma tem, portanto, um sentido primário do desejo do sobrevivente renascer.

Considerados os pontos fundamentais da narrativa para a saúde mental do afetado pelo desastre, dirige-se a atenção a um aspecto complicador. Devido ao grau de violência pelo qual passa o sujeito, ser tão contaminante e intrusivo, muitas vezes, impede a condição de criar um afastamento para um testemunho lúcido e íntegro

e, assim, na medida em que o sujeito narra, ele mesmo e o seu ‘outro’ colocam em dúvida o que se expressa. Isto porque, estão implicadas as incapacidades do narrador de **se testemunhar** e de **se imaginar** nesse lugar de horror e perda.

A fim de buscar entender esse dilema da testemunha, Seligmann-Silva alerta para não sermos muito ambiciosos ou idealistas como psicólogos e terapeutas,

Falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado como um corpo estranho dentro do sobrevivente. Na cena do trabalho do trauma, nunca podemos contar com uma introjeção absoluta. (...). Este estranhamento está intimamente vinculado ao tema da irrealidade e de tudo o que parece inverossímil, impossível de ter ocorrido.

Neste sentido e, caminhando para o último ponto deste texto, relativo às concepções psicológicas, a esse doloroso processo que se estabelece após perdas por situações traumáticas e cuja função é a de ajudar o afetado a se adaptar às mudanças do novo cenário, dá-se o nome de luto (Casellato, 2005). O processo do luto auxilia o enlutado a sujeitar suas emoções aos extratos mais elevados do aparelho mental, buscando adquirir o domínio sobre elas e recuperar a condição de (re) investir novamente em sua vida, apesar das faltas.

Em alinhamento com os discursos apresentados, também para a Psicologia, a revivência (repetição) é a maneira pela qual o aparelho mental procura entrar no domínio da experiência, ou seja, parte em busca de simbolizar e nomear o inominável.

A revivência das experiências aflitivas (repetição) promove a possibilidade de ligação do evento traumático na consciência do sujeito,

dando-lhe um sentido e tirando-o de uma posição totalmente passiva para a de um determinado domínio, ou seja, de um certo controle sobre ele (D'Orio, 2003).

Podemos pensar que os sonhos, as lágrimas, o lembrar, o silêncio, os rituais e toda a forma de narrativa estão a serviço de o enlutado poder estabelecer sua relação com a pessoa morta de outra forma, protagonizando seu processo, a fim de que se ligue novamente ao falecido para dar sentido à sua ausência (D'Orio, 2010).

Assim, para que um cuidado psicológico reverbere na vida deste tipo de enlutado, é necessário cumprir as tarefas do luto (aceitar a

realidade da perda, experimentar a dor do pesar, ajuste ao ambiente apesar da falta e reinvestir na vida), mas é fundamental que se vá **para além** dessas tarefas. É necessário haver o 'outro', que participa do tempo da narrativa e que possa considerar que a memória armazena dados por imagens e impressões sensoriais do passado e que, para reconstruir o que é do campo do inenarrável, ainda que se procure manter o compromisso com o real, necessita-se recorrer à imaginação e às metáforas. Neste sentido, a escuta ativa, nestes casos, precisa considerar as lacunas, aspectos potencializados, as razões daquilo que silencia e o que ficou introjetado, como um resto que não se esgota.

---

## Referências

ADORNO, T. Educação e Emancipação. Traduzido por Wolfgan Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

D'ORIO, R.T. Trauma e desamparo em acidentes aeronáuticos, uma contribuição psicanalítica. 2003. 223 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Cidade, 2003.

\_\_\_\_\_. Histórias de Fins, histórias sem fins... estudos sobre rituais no processo do luto. 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FIGUEIREDO, Luis C. O tempo na Filosofia e nas Ciências. Aula ministrada CEP – Centro de Estudos Psicanalíticos, São Paulo: Veludo Azul, Outubro, 1998. 03 fitas videocassete (144 min., 161 min. e 127 min.), VHS, son., color.

MORIN, E. O homem e a morte (2ª edição) Publicações Europa-America Ltda, Portugal, 1976.

PARKES, C. M. (1996 [1998]). Luto: Estudo sobre a perda na vida adulta (M. H. F. Bromberg, Trad.). São Paulo: Summus Editorial.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In.: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). Catástrofe e representação: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.



SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin. Rio de Janeiro*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010356652008000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652008000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 Jul. 2015.

WORLD RISK REPORT. Instituto Universidade das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Segurança Humana (UNU-EHS), a Aliança para o Desenvolvimento Works / Bündnis Entwicklung hilft e The Nature Conservancy (TNC), Bruxelas, 2012, Disponível em: <<http://www.ehs.unu.edu/article/read/worldriskreport-2012>>. Acesso em jun.2014.



Prof. Dra. Rosana Teresinha D'Orio de Athayde Bohrer  
Condor Instituto de Psicologia e Pesquisa

